

Encontro  
com a  
vida



VALDELICE SANTOS

Encontro  
com a  
vida



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024**  
**Copyright © Valdelice Santos, 2023**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

**DIREÇÃO EDITORIAL**

***Lilian Vaccaro***

**PREPARAÇÃO DE TEXTO**

***Bianca Gulim***

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

***Giovanna Vaccaro***

**CAPA**

***Sara Vertuan***

**DIAGRAMAÇÃO**

***Michael Vasconcelos***

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Santos, Valdelice.

Encontro com a vida / Valdelice Santos – 1ª edição – São  
Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-93-9

CDD: 869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Drama 3. Romance I. Título



Rua Coronel Osório, 92 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12902-270  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)  
Tel.: (11) 9.1292-1001

“A paz não é a ausência de conflitos.  
É administrar os conflitos em paz.”

Buda





# 1

## A infância

A chuva não dava trégua, as ruas pareciam pequenos riachos. Julia observava pela janela do seu quarto: a água escorria com pressa pelo vidro, garantindo um aspecto de prata derretida. Ela, de joelhos em sua cama, avaliava com atenção o fenômeno comum como se fosse algo raro; amava o barulho que a chuva emitia. Apesar de ter apenas dez anos de idade, usava aquele momento para organizar mentalmente seus sonhos. Tinha muitos, e para ela era importante saber a ordem de prioridades, especialmente porque o seu aniversário estava próximo. Queria uma festa linda com delicadas luzes por todo o jardim, um caminho marcado com pétalas, por onde chegaria em um lindo vestido rosa — deixaria as amigas da escola roxas de inveja; Julia era bem popular entre suas várias amigas, e no final de semana sua casa ficaria cheia, do jeitinho que a menina gostava.

Desejava uma viagem à Disney, e também estava na lista alguns pares de tênis.

No último aniversário, tinha comemorado uma década de vida; os pais festejaram com grandeza: fecharam um parque de diversão



só para o evento para que seus amigos pudessem ir em qualquer brinquedo e quantas vezes desejassem. Para Julia, o melhor daquele dia fora a presença do pai durante tantas horas; às vezes parava de brincar para conversar com alguns colegas, mas naquele dia ela teve mais atenção dele do que em um mês inteiro. Esse, sim, era o melhor presente para Julia.

— Julia! Hora do almoço! — Ouviu o grito da mãe vindo da sala.

— Já estou indo!

Saiu correndo e quase esbarrou na casa de bonecas de três andares bem mobiliada com perfeitas miniaturas.

Na mesa estava o pai e a mãe. O pai permaneceu lendo um jornal enquanto a mãe os servia. Eles quase não se falavam, e Julia odiava esse momento; mesmo sendo filha única, a atenção dos pais sempre parecia algo abstrato. Ela se dedicava nos estudos, destacava-se como uma das melhores da sala; amava mostrar o boletim para o pai, queria o deixar orgulhoso, ter algum momento com ele, e isso era algo que Julia não tinha em seu cotidiano, especialmente do pai, um advogado bem resolvido e muitíssimo ocupado.

Por isso que dessa vez ela planejava algo diferente para o seu aniversário, talvez passar o dia apenas com os pais no zoológico... Abriria mão da festa por um dia de atenção dos pais.

Contudo, a mãe já planejava uma festa bem decorada, pois amava organizar as festas de Julia, sua única filha. Na casa dos seus trinta anos, era muito bela e sabia disso, recebia muitos elogios e olhares de admiração de outras pessoas, especialmente do sexo oposto. A bela Paola, com seu rosto angelical — uma pele com a cor e a textura de um pêssego — e seus cabelos negros, longos e lisos, tinha seios firme e fartos, um corpo em uma simetria de causar

inveja em qualquer jovem de vinte anos. O marido parecia não notar, não costumava elogiá-la com frequência, sempre atarefado com seus diversos assuntos de trabalho. Isso causava desânimo em Paola, que tentava preencher o vazio que o marido deixava se dedicando à pintura; nunca tivera se profissionalizado no ofício, mas tinha um notável talento com o pincel. Na última semana, tinha se dedicado a pintar um quadro de um campo de girassóis, e enfim o tinha concluído para presentear o marido. Cobriu o quadro com um papel de presente e colocou em um canto na sala.

Apesar da indiferença do pai, Julia tinha adoração por ele, achava-o um homem incrível e inteligente. Ele, por sua vez, demonstrava seu amor por meio do material, nunca dizia “não” para a filha, e era assim que ela enxergava o amor do pai. Passar uma hora brincando de jogo da memória com ele seria mais prazeroso que um dia inteiro na Disney, mas a primeira opção acontecera poucas vezes.

— Já que é fim de semana, vamos ver um filme juntos? — Julia fez o convite aos pais, já sabendo a resposta.

— Agora? Desculpe, querida, estou abarrotado de casos para estudar, e alguns trabalhos administrativos bem chatos. Chame sua mãe. — Julia baixou a cabeça e continuou a comer, o que não passou despercebido. — Se você prometer que vai escolher um filme curto, tudo bem.

Julia abriu um sorriso que iluminou toda a sala de jantar, contagiando os pais, que a acompanharam no sorriso. Após o jantar, eles se sentam no sofá para ver o filme que Julia havia proposto.

— Antes de começarmos preciso mostrar algo.

Paola saiu apressada e voltou com o quadro grande, de um metro quadrado. Julia observou com olhos curiosos; já os do marido ficaram desconfiados. A artista manteve o orgulho em

sua expressão; era o que sentia pelo belo quadro com um imenso mar de girassóis e ao fundo um céu alaranjado com o pôr do sol.

– Levei semanas para conseguir concluir. Era para ser surpresa, estava ansiosa para mostrar. Lembra que prometi um quadro para colocar no seu escritório?

– Você só pode estar de brincadeira... Acha mesmo que eu colocaria esse quadro na minha sala?

Julia ficou surpresa.

– Por que não, pai? Está lindo!

– Não disse que está feio, mas não combina com o ambiente.

O entusiasmo do rosto de Paola foi diminuindo até se acabar.

– Mãe, é lindo. Posso colocar no meu quarto?

– Certo, Julia. Então é seu... — Paola disse ao posicionar o quadro no canto da sala.

Sentou-se para acompanhar o filme sem dizer nem mais uma palavra, ao passo que Julia sorria de alegria por ter os pais por perto e ter acabado de ganhar um lindo quadro da mãe. Para ela, mesmo que o pai passasse mais tempo olhando para a tela do notebook, aquele era um momento especial. Quando o olhava, ele sorria para ela, o que já a deixava satisfeita.

Como filha única de uma família com uma boa estabilidade financeira, Julia tinha muitos privilégios, estudava em escolas particulares, fazia curso de idiomas, como francês e inglês, entres outras atividades, como aulas de piano e natação. Apesar da idade, já tinha sua semana toda preenchida com compromissos. De todos eles, gostava mais das aulas de francês; o professor era um homem simpático, na casa dos seus trinta anos, sempre estava com um sorriso no rosto. Ele nutria uma simpatia especial por Julia, e ela não entendia o porquê, mas até gostava de ter uma atenção extra.

Apenas aos fins de semana esquecia tudo para se divertir com as amigas, e até arriscava dormir na casa de algumas delas. Já estava acostumada a chegar em casa exausta, mal tinha tempo para ser criança.



Julia acordou muito animada com o dia ensolarado. Olhava para o quadro que a mãe havia pendurado em seu quadro; *o quadro dourado*, era assim que o chamava.

Faltava pouco para seu aniversário, então correu para tomar banho e se arrumar para a escola. Sentou-se à mesa e ficou aguardando o café da manhã.

— Bom dia, Julia! Que novidade você acordar sem eu precisar chamar... Está virando uma mocinha mesmo! — disse Paola se aproximando com torradas e ovos mexidos.

— Mãe, é hoje que vamos comprar meu vestido para minha festa? Já sei como quero. Vi um lindo na revista. Era vermelho...

— Vermelho? Não sei se essa cor combina para uma festa de onze anos.

— A festa é minha, então a escolha é minha também!

— Nada disso. Olhe só, sou sua mãe, e você ainda é uma criança. Portanto, eu vou escolher.

— Se é você que vai escolher, eu nem preciso ir!

— Julia, pare de ser malcriada. Vamos entrar em um acordo. Fique calma e termine seu café da manhã ou vai chegar atrasada.

— Cadê meu pai?

— Já saiu...

Embora Paola se fizesse presente fisicamente, Julia sentia que sua relação com ela era como a com o pai: fria e distante. A pouca idade não a impedia de ouvir as discussões atrás da porta, muito menos de entender que a mãe estava sempre frustrada; o que ela não entendia era que a falta de tato com a filha era uma consequência disso tudo.

Havia outras coisas que Julia ainda não conseguia perceber: o casamento dos pais era apenas uma conveniência. Paola, ressentida por sempre ser criticada e chamada de dramática, não mais verbalizava suas opiniões. A tristeza era evidente, até mesmo para uma criança, mas suas justificativas, bem como suas consequências, passavam batido. Por isso, a menina respirou fundo e prometeu a si mesma que nada a desanimaria

Era só mais um dia de rotina corrida em sua vida. Depois do horário da escola, teria sua aula favorita no curso de idiomas, que era realizado no mesmo prédio. Chegou na sala e percebeu que era a primeira a chegar. Achou estranho, mas ali permaneceu aguardando. A porta abriu e o professor de francês — alto, loiro e de barba ruiva — entrou.

— Cadê todo mundo? — perguntou ela, surpresa.

— Não tem aula hoje, dispensei toda a classe. Porém, como você é minha aluna favorita, está aqui — disse ele com um sorriso debochado.

Julia se levantou e se dirigiu à porta. O professor se apressou e impediu sua passagem. A menina começou a ficar assustada.

— Não quero ficar aqui sozinha com você. Se não abrir, vou gritar!

Assim que ele se aproximou e segurou em seus dois pulsos com as duas mãos, Julia experimentou o pânico.

— Calma, Julia, não quero machucar você. Só quero um beijo...

– Tenho dez anos! Sou uma criança! Me deixa em paz!

Talvez o professor não esperasse tanta consciência da parte dela sobre o que estava acontecendo, mas isso não o impediu de se aproximar do pequeno rosto de Julia, que, embora soubesse que era melhor gritar, viu-se em estado de choque.

Julia perdeu a batalha injusta e foi beijada, a sensação mais repugnante que já sentira; a sensação de impotência e nojo era indescritível. Ela sentiu seu hálito de álcool, assim como as cócegas devido à barba. Já era difícil diferenciar o que eram suas lágrimas e o que era a saliva do professor. Foi quando, confiante diante da inércia, ele soltou seus pulsos e tentou tocá-la. A porta destrancada quase facilitou a fuga, mas Julia não conseguiu avançar muitos passos no corredor e logo se viu presa na sala outra vez.

– Por favor, não me faça mal!

– Julia, você sabe que ninguém pode saber! Vou perder meu emprego. Você também sabe que é tudo culpa sua, não sabe?

– Não tive culpa de nada!

– Você pensa que eu não percebia o jeito como me olhava nas aulas? Você me provocou, Julia. É a natureza dos homens... Venha, sente aqui. Vamos conversar. Depois eu abro a porta e você pode ir.

Ela ficou de pé contra a parede se sentindo u caça perfeita de um predador.

– Por favor, não conte a ninguém. Foi apenas um beijo... Você já tem praticamente onze anos, não é tão criança assim. Se contar a alguém, digo que foi coisa de sua cabeça. Além porque não aconteceu nada mesmo.

Levantou-se e abriu a porta, saindo sem olhar para trás.

Julia ficou ali parada, de pé, por alguns minutos, sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Fora abusada por seu

professor de francês, e tinha plena consciência de que poderia ter sido muito pior.

Entrou no ônibus escolar sem conseguir olhar no rosto das amigas. Não quis conversar, o que causou algum estranhamento entre elas, já que Julia era a tagarela da turma. Com suas pernas ainda trêmulas e sua garganta embargada, não conseguiu exprimir uma palavra sequer. Tinha um nó na garganta e precisava urgentemente se trancar em seu quarto para chorar tudo que precisava.

Chegou em casa com uma angústia sufocante; aquela voz, o roçar da barba em seu rosto, a boca úmida colada à dela... Todas aquelas lembranças lhe causavam náuseas. Foi direto para seu quarto tomar banho, pois se sentia suja. Chorou em baixo do chuveiro, e depois se deitou na cama e ficou olhando para a parede.

— Ei, mocinha, entrou tão rápido que nem notei. Lembre que vamos comprar seu vestido hoje... Venha comer, vamos sair em seguida.

Mal terminou de falar, e Paola percebeu o olhar vazio e triste da filha.

— Não estou com fome, mãe, e não quero comprar vestidos. Vou ficar no meu quarto... — respondeu a menina, virando-se de lado e abraçando um grande urso panda de pelúcia que tinha ganhado no Natal.

— Você está bem? Estava tão animada de manhã O que aconteceu? Olha, se for por conta da cor do vestido, tudo bem, pode ser vermelho.

— Estou, sim. Só não quero comer... nem sair. Estou cansada.

— Está certo, não vou insistir. Se ficar com fome sabe aonde ir.

Paola deu um beijo na testa da filha e saiu de seu quarto.